

YAqui  
Delgado  
quer  
quebrar  
A SUA  
CARA

MEG MEDINA

Tradução de  
Regiane Winarski



Copyright © 2013 by Margaret Medina

Publicado mediante acordo com a Walker Books Limited, London SE11 5HJ.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, difundida ou armazenada sob qualquer forma ou por qualquer meio gráfico, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia ou gravação, sem prévia permissão por escrito da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Yaqui Delgado Wants to Kick Your Ass

PREPARAÇÃO

Marina Vargas

REVISÃO

Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M443y

Medina, Meg  
Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara / Meg Medina ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.  
272 p. ; 21 cm.

Tradução de: Yaqui Delgado Wants to Kick Your Ass  
ISBN 978-85-8057-715-0

1. Ficção americana. I. Winarski, Regiane. II.

Título.

15-20420

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meu marido, Javier*



# CAPÍTULO 1

— Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara.

Uma garota chamada Vanesa me diz isso certa manhã, antes da aula.

Ela surge do nada e bloqueia meu caminho, segurando um livro contra o peito como um escudo. É alta como eu, e morena-caramelo. Acho que já a vi no refeitório. Ou talvez só nos corredores. Não sei bem.

E, tão subitamente quanto apareceu, Vanesa desaparece no mar de gente ao redor.

*Espera*, tenho vontade de dizer quando ela é engolida pela multidão. *Quem é Yaqui Delgado?* Mas só consigo ficar ali parada enquanto as pessoas correm para as salas. O sinal tocou, e não sei se é só o primeiro aviso ou se estou atrasada para o primeiro tempo. Não que isso faça diferença. Estou nesta escola há cinco semanas e o sr. Fink não se lembrou de fazer a chamada uma única vez. Uma garota perto da mesa dele dá uma olhada na sala e marca quem não está presente, e só.

— Sai da frente, idiota! — resmungo alguém, e sigo a multidão pelo corredor.

Darlene Jackson é quem me explica a encrenca em que estou metida. Ela é monitora de orientação educacional e sabe tudo sobre Yaqui Delgado.

— Ano passado ela foi suspensa por se meter em brigas. — Estamos no refeitório. Darlene precisa gritar para eu conseguir ouvir. — *Dois vezes.*

Conheço Darlene faz apenas algumas semanas, mas já reparei que ela adora um drama, principalmente se puder assistir da primeira fila e se for a catástrofe de outra pessoa. Graças à mãe, que é uma daquelas xeretas da Associação de Pais e Mestres, Darlene sempre sabe quais pais estão se divorciando, quais alunos repetiram no último ano letivo e quais professores vão ser demitidos. Não me pergunte como, mas a espiãzinha sabia até que a nossa professora de biologia tinha sido largada pelo marido. Antes mesmo que os olhos da sra. O'Donnell desinchassem e ela se sentisse em condições de nos ensinar as leis de Newton, na semana passada, a turma inteira já sabia que a vida amorosa dela estava em frangalhos.

Darlene ajeita os óculos e me conta a história toda:

— Yaqui Delgado odeia você. Diz que você se acha demais para quem acabou de chegar. E quer saber quem você pensa que é para sair por aí rebolando desse jeito. — Darlene baixa a voz e acrescenta: — Ela até chamou você de *cadela*. Desculpe.

Estou perplexa.

— Eu reboło?

Darlene fica um tempinho olhando para o sanduíche de salada de ovos que está comendo.

— Ah, rebola sim.

Interessante. Tenho bunda faz só uns seis meses, e agora parece que ela tem vontade própria. Se ao menos minha amiga Mitzi estivesse aqui para ver isso! Ano passado, no nono ano, fui uma das últimas da minha antiga escola a se desenvolver, depois de todo mundo. *Planchadita*: reta e sem quadril. Totalmente diferente de Mitzi, que ganhou curvas logo no quinto ano.

Minha mãe foi a primeira a reparar nas mudanças que vinham acontecendo comigo, mas não teve muito tato para lidar com meu novo *cuervo*.

— Coloque um sutiã, Piddy — mandou, quando notou um homem no ônibus olhando descaradamente para os meus peitos. — Você não pode andar por aí com duas cebolas soltas dentro da blusa, para todos os garotos ficarem olhando.

Como se fosse culpa minha aquele homem ter se dado ao direito de fazer uma apreciação dos meus atributos.

Lila (a supermelhor amiga da minha mãe) foi quem me levou para comprar uns sutiãs de renda, no dia seguinte.

— Orgulhe-se, *mi vida* — sussurrou Lila para mim, na seção de roupas íntimas da loja, enquanto eu observava, em choque, aquele monte de renda e laços. — E empine os ombros.

Pensando bem, essa coisa de rebolar deve ser culpa de Lila. Do tanto que a gente dança. Ela está me ensinando merengue, do jeito que dançam nas boates de que ela mais

gosta. Pouco antes do início das aulas, ela me apresentou à sua coleção de discos antigos de Héctor Lavoe. Já os ouvimos tanto que agora fico com as músicas na cabeça o tempo todo.

— Os pés você mexe pouquinho. Movimentos curtos, como se estivesse em cima de um tijolo — explicou Lila, quando estávamos dançando em seu apartamento. — Mas os quadris? Mexe com vontade, *mami*. — E ela fez um passo bem reboativo para me mostrar. — *Así*.

Talvez agora meu corpo esteja viciado. Quem sabe? Quando Lila sai na rua, os olhos dos homens ficam grudados no traseiro dela. Até os motoristas de ônibus reduzem a velocidade para olhar. Minha mãe diz que ela é um perigo para o trânsito.

Darlene termina de morder a casca do pão e a joga dentro do saco de papel.

— De repente você podia praticar um andar normal — sugere ela, dando de ombros. — Sabe como é, requebrando um pouco menos. Tipo eu.

Quase engasgo. Darlene não tem um andar *normal*. Ela se inclina para a frente como se estivesse sendo puxada pelo nariz por uma corda invisível. Eu diria que é um andar esbaforido.

— Não vejo problema no meu jeito de andar — digo.

— Você que sabe, então — retruca ela. — Só sei que a Yaqui Delgado vai dar uma surra em você.

Como demonstração, ela amassa o saco de papel e lança um rápido olhar sugestivo para uma mesa do outro lado do refeitório. É onde os latinos se sentam.

Na primeira vez que fui ao refeitório, fiquei plantada com a bandeja nas mãos avaliando as redondezas. Os orientais estavam amontoados mais ou menos no centro. Os negros tinham um grupo de mesas só deles. Identifiquei a zona latina na mesma hora, mas entre as pessoas sentadas ali não havia ninguém que eu tivesse visto nas aulas. Quando me aproximei, alguns dos garotos sorriram e cutucaram uns aos outros, mas nenhuma das garotas parecia disposta a me dar espaço. Na verdade, foi bem apavorante o jeito como me encararam. Por sorte, Darlene me chamou.

Então aqui estou eu, na mesa do canto, perto das latas de lixo, a área mais desvalorizada do refeitório. Desde que me mudei, precisei recomeçar do zero. Nossa mesa é composta por todo mundo da aula de biologia, como Sally Ngyuen e Rob Allen. Os dois fazem aula de física avançada com Darlene e comigo, o que estou descobrindo ser uma fonte de renegados aqui na Daniel Jones High School.

No momento, Rob parece bem assustado, até mesmo para os padrões dele. Ele não é feio, mas é magrelo e pálido. O pomo de Adão dele fica subindo e descendo, e os contornos dos seus olhos estão cor-de-rosa como os de um hamster. Rob é inteligente pra caramba, e eu gosto disso, mas poderia ser mais popular se o cérebro viesse em uma embalagem mais atraente. Ele consegue resolver um problema de física mais rápido que eu, mas de que serve isso por aqui? Até onde eu sei, ele não tem amigos. E eu saberia se tivesse, já que o armário dele fica ao lado do meu.

— Quem vai dar uma surra em você? — A voz de Rob falha um pouco. Ele está olhando para o saco de papel amassado.

— Ninguém — respondo.

— Cuida da sua vida, Rob — corta Darlene.

Ela se vira para mim e revira os olhos. Mesmo em um grupo de nerds, há uma hierarquia, e Darlene está no topo. Rob olha para ela com raiva, mas fica quieto.

— Eu nem conheço a Yaqui Delgado, Darlene — digo a ela, dando de ombros. — Não estou preocupada.

— Ah, mas *ela* conhece você. E não suporta olhar pra sua cara. Você é nova aqui, Piddy, então vê se acredita no que estou dizendo. Você já era. Essas garotas latinas não estão pra brincadeira. Se eu fosse você, ficaria em casa amanhã.

Paro de mastigar e olho enfaticamente para ela.

— Caso você não tenha reparado, eu também sou uma garota latina, Darlene.

Ela revira os olhos (*de novo*) como se fosse eu a burra aqui. Branca. Sem sotaque. Que tira notas boas. Não tenho nada a ver com a ideia que ela tem de latina. Eu poderia lembrar que Cameron Diaz também é latina, mas por que me dar ao trabalho? Não vai fazê-la mudar de opinião.

— É? Então por que não está sentada com elas? — retruca Darlene.

Minhas bochechas ficam vermelhas quando meu olhar atravessa o salão. É porque aquelas garotas são um grupo mais barra-pesada, nem um pouco parecidas com Mitzi e eu. Mas não vou dar a Darlene a satisfação de ouvir isso. Já foi bem ruim quando o treinador Malone leu meu sobre-

nome na aula de educação física e as garotas guatemaltecas do fundo me lançaram olhares estranhos, mesmo sabendo que não deveriam. “Você é da Espanha?”, perguntaram. Eu as ignorei.

— Meu sobrenome é *Sanchez*, lembra? — digo a Darlene. — Minha mãe é de Cuba e meu pai é da República Dominicana. Sou tão latina quanto elas.

Termino o sanduíche de pasta de amendoim e me obrigo a jogar conversa fora com Rob até terminar o horário de almoço, só para irritar Darlene. Acaba sendo mais difícil do que pode parecer. Rob não é exatamente um exemplo de desenvoltura verbal; acho que está sem prática. Os pensamentos meio que explodem pela boca dele sem aviso.

— Vou fazer uma adaga — comenta Rob de repente.

Demoro um segundo para perceber que ele está falando do nosso trabalho para a aula de inglês. Estamos começando a preparar as apresentações sobre *Júlio César*.

— Cuidado com a política de “tolerância zero” — aviso. — Sei de um garoto que foi suspenso por causa de uma pistola de água, no sexto ano.

Foi meu vizinho, Joey Halper, no começo de sua carreira como mau elemento.

Rob dá de ombros.

— Vou dizer que é de papel-alumínio antes de tirar da calça.

— Seu esquisito. O que você vai tirar da calça? — pergunta Darlene, com desprezo.

Rob fica vermelho, e isso encerra nossa conversa. Por sorte, o sinal toca bem nessa hora, e nos juntamos à multi-

dão que sai em debandada do refeitório. Não consigo deixar de olhar de relance para aquelas garotas ao me levantar. Não vejo Vanesa, mas talvez uma delas seja Yaqui. Talvez esteja me olhando neste exato momento, vendo minha bunda reboiativa, me odiando. Aperto os livros com força e avanço pela multidão, tentando ao máximo manter o quadril imóvel.